

MARIA CRISTINA BOASKI DI PACE

EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NA PRÉ ESCOLA

COM A CRIANÇA SURDA:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Monografia apresentada ao curso de pós-graduação na área de Educação Física Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob a orientação do Prof. Doutorando Paulo Ferreira de Araújo.



AGRADECIMENTOS

Ao meu querido professor Paulo Ferreira Araújo, orientador e amigo, ouvinte paciente e competente, sempre pronto para clarear minhas dúvidas quando necessário e principal incentivador para que eu concluísse este trabalho.

As minhas amigas: Mônica, Anita e Débora, que sempre acompanharam, contribuíram e me incentivaram no decorrer do trabalho.

Aos amigos do Curso de Especialização de Educação Física Adaptada da UNICAMP, que enriqueceram o curso, contribuindo com suas ricas experiências.

A toda equipe de docentes do Departamento de Educação Física Adaptada da UNICAMP, pela competência e dedicação com que programaram e dirigiram o Curso de Especialização em Educação Física Adaptada - 1995.

ÍNDICE

CAPÍTULO I

- Introdução.....	01
- O que é ouvir?.....	04
- Audição.....	05

CAPÍTULO II

- Fisiologia da audição.....	08
- Surdez e Hipoacusia.....	11
- Etiologia e Tipos de Perda Auditiva.....	14
- Incidência.....	17
- Sintomas.....	18
- Aparelhos Auditivos.....	19

CAPÍTULO III

- Um Pouco da História da Educação do Surdo.....	23
- Situação Atual do Surdo.....	28
- Métodos Utilizados para Amplificação da Audição e Comunicação da Criança Surda.....	31

CAPÍTULO IV

- A Escola e A Criança Surda.....	34
-----------------------------------	----

CAPÍTULO V

- Educação Física Adaptada na Pré-Escola com A Criança Surda: Um Relato de Experiência	37
- Materiais e Atividades Desenvolvidas nas Aulas de Educação Física da Pré-Escola.....	46
- Aula Propriamente Dita.....	51

- Conclusão.....54

BIBLIOGRAFIA.....56

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo mostrar o importante desempenho que a Educação Física apresenta diante de crianças com problemas de perda auditiva, seja qual for o grau de sua perda.

Trabalhei na rede municipal de ensino de São Paulo, em EMEDAs - Escola Municipal de Educação de Deficientes Auditivos - desde fevereiro de 1993 até dezembro de 1995, de onde posso relatar a experiência que tive com crianças surdas em aulas de Educação Física.

Durante estes três anos pude perceber que, ainda existe um descompromisso e uma desvalorização relevante em relação aos grandes benefícios que a Educação Física traz a criança deficiente auditiva.

A dificuldade de se encontrar profissionais de Educação Física especialistas em deficiência auditiva e a falta de oportunidades que estes encontram para divulgar seus trabalhos, pesquisas e projetos, não facilita o estudo e o aperfeiçoamento dos educadores interessados e comprometidos em realizar um bom trabalho nesta área.

Durante este período em que desenvolvi meu trabalho com crianças deficientes auditivas, utilizei de todos os recursos possíveis (serão descritos no decorrer do trabalho) para dar as aulas de Educação Física, pois o grande desafio durante as aulas é desenvolver com estas crianças atividades que tragam os mesmos benefícios e também que se aproximem ao máximo das atividades desenvolvidas com as crianças que possuem uma audição normal.

Este trabalho sempre teve como objetivo mostrar o grande valor da atividade motora para estas crianças e os resultados positivos que a Educação Física oferece a criança deficiente auditiva.

A importância da Educação Física não deve em hipótese alguma ser menosprezada no trabalho com crianças surdas, pois o prazer oferecido pelas aulas de Educação Física e as atividades elaboradas de acordo com as necessidades reais destas crianças surdas, enriquece a cada

momento o seu desenvolvimento global e abre as portas para a sua integração no mundo dos ouvintes.

A possibilidade da criança surda poder vivenciar experiências, recordar as já vivenciadas, combinar atividades, criar brincadeiras, expressar suas vontades, dramatizar e participar de jogos é a prova de que a criança está construindo um conhecimento novo, ou seja enriquecendo a aquisição de linguagem na aula de Educação Física.

É por este motivo que os benefícios que a Educação Física proporciona a estas crianças é digno de respeito e reconhecimento por parte dos que trabalham com crianças que necessitam de um atendimento diferenciado.

Dentro do meu trabalho realizado na EMEDA, procurei acompanhar aos projetos realizados na escola (de formação permanente e língua de sinais) e também realizar trocas sobre o conteúdo que foi desenvolvido nas aulas de Educação Física com todo o corpo docente, para que dentro de um trabalho interdisciplinar o desenvolvimento global e a aquisição de linguagem fossem contemplados da melhor maneira possível.

Tendo trabalhado com crianças desde os três e quatro anos de idade até os adolescentes com quinze anos de idade, pude perceber que as crianças que freqüentavam a escola desde os seus primeiros anos, tinham um desenvolvimento global e uma comunicação visivelmente melhor do que as crianças que entravam na escola já em idade avançada.

Diante da visão da importância do trabalho realizado com crianças surdas já na pré-escola, é que passei a desenvolver as aulas de Educação Física no ano de 1995 com crianças surdas de pré-escola principalmente na faixa etária de 04 a 06 anos para que pudéssemos assim avaliar os progressos obtidos com as crianças, devido ao conteúdo desenvolvido nas aulas de Educação Física.

Os trabalhos e atividades realizados com os alunos descritos neste relato de experiência sempre tiveram como objetivo maximizar o potencial desta criança dando oportunidades dela vivenciar práticas na pré-escola dentro da faixa etária de 04 a 06 anos de idade como já foi descrito anteriormente, desenvolvendo todos os seus aspectos: motor, afetivo, cognitivo e social.

Desde que iniciei o meu trabalho com crianças surdas, procurei me dedicar a estudos sobre: surdez, comunicação, educação da criança surda e a educação física para a criança surda.

Para iniciar este relato de experiência vou fazer inicialmente uma pequena abordagem sobre: Audição (fisiologia), Surdez (comentando sobre etiologia, tipos, sintomas e incidências de perda auditiva) e Aparelhos Auditivos. Após esta abordagem sobre a surdez, faço um apanhado geral sobre a Educação do Surdo, Escola para a Criança Surda e finalmente a Educação Física Adaptada na Pré-Escola com Criança Surda.

Eu fiz neste relato de experiência um apanhado geral sobre a surdez e a Educação do surdo, porque acredito que assim poderei dar uma idéia da importância da audição e também de mostrar os prejuízos que a sua ausência nos traz, inclusive dos comprometimentos que acompanham a surdez.

Neste relato de experiência vão ser citados diferentes tipos de terminologia, como por exemplo : criança portadora de deficiência auditiva, criança com perda auditiva e mesmo criança surda, e isto irá acontecer, devido aos questionamentos existentes pelos estudiosos no assunto e também pelas reivindicações feitas pelos surdos, pois estes não se consideram deficientes.

Pereira (1992), em sua tese cita Rosen (1986, Apud Balieiro, op, cit, p,1) que coloca a surdez da seguinte forma - “surdez é muito mais que uma perda auditiva, é uma complexa realidade social e política que permeia toda uma vida.”

Pereira (1992), salienta que o surdo não deve ser encarado a partir do dado orgânico da sua privação sensorial como alguém não eficiente (deficiente), mas deve ser aceito pela sua diferença, respeitando o sujeito preservado que tem a necessidade, a capacidade e o direito de se desenvolver integralmente. Portanto a pessoa surda deve ser respeitada com as suas diferenças e não inferiorizada.

Por este motivo vou utilizar neste trabalho o termo surdo por estar levando em consideração que antes de qualquer deficiência, estarei desenvolvendo a Educação Física e sua prática com crianças que merecem toda nossa dedicação, compromisso e nosso respeito, independente de suas diferenças ou necessidades diferenciadas.

2 - O que é OUVIR?

Ouvir é uma importante fonte de agradáveis experiências sociais, talvez a mais importante (Teleford, 1972). É o som que atinge os nossos ouvidos, que nos coloca em contato com o mundo tanto conscientes como inconscientes, pois mesmo quando dormimos o som penetra pelos nossos ouvidos.

É através deste maravilhoso sistema auditivo que possuímos que podemos reconhecer a fala humana. Também é pela audição que teremos acesso a aquisição de linguagem, ao ritmo, a música, aos movimentos os mais harmoniosos, aos sentimentos, ao canto, a todas as formas de expressão e comunicação que desejarmos.

ISTO É OUVIR!

É poder participar no mundo de uma linguagem verbal, que é na nossa sociedade um requisito indispensável para a plena integração do indivíduo.

É o ouvido uma das nossas principais vias de informação e por conseqüência um dos principais meios para nos integrar plenamente.

3 - A AUDIÇÃO

Os problemas de audição influem não só no desenvolvimento da criança, como também no uso de suas habilidades de comunicação verbal.

Como a linguagem é necessária à integração social e aprendizagem acadêmica, fica claro que o dano causado pelo distúrbio auditivo representa muito mais do que uma simples incapacidade de ouvir.

O ouvido é o canal normal para as áreas do cérebro que são destinadas ao desenvolvimento da fala.

Os sons apresentam pouco sentido durante os primeiros três meses de vida, e todos os bebês quer com audição, quer surdos, vocalizam da mesma forma nestes primeiros dias, ou seja os bebês choram quando tem fome e gorjeiam quando estão felizes (Ballantyne, 1995).

É porém, no final do terceiro mês que a criança com audição normal começa a perceber que os sons a sua volta tem um sentido, começando a partir daí a voltar-se para a voz de sua mãe, que funciona para criança como estímulo essencial.

A partir deste momento a criança começa a ver, sentir e ouvir as pessoas e os objetos que a rodeiam, e é a partir daí que a criança vai começar a associar os sons emitidos por ela e as palavras faladas perto dela. Pouco a pouco estas associações serão armazenadas como memórias, nas áreas psíquicas do cérebro, entre as áreas principais para a visão, tato e audição.

Portanto são estas áreas: de audição, visão e tato que edificam e armazenam o entendimento mútuo do mundo sobre a criança com audição, e lhe possibilita estar aprendendo a controlar os difíceis movimentos da fala.

Com o passar do tempo respeitando as devidas fases de desenvolvimento da criança normal, esta será surpreendida pelo mundo da fala e da linguagem, o mundo dos ouvintes (Ballantyne, 1995).

A audição é uma das principais responsáveis pela aquisição de linguagem e envolve o desenvolvimento do pensamento, da memória e raciocínio (Fernandes, 1990). A audição funciona como um alarme que coloca o ouvinte em alerta para algo importante que possa estar ocorrendo em seu meio, dentro ou fora do alcance de sua visão, acumulando informações a todo instante (Ballantyne, 1995).

CAPÍTULO II

- **FISIOLOGIA DA AUDIÇÃO**
- **SURDEZ: ETIOLOGIA E TIPOS**
- **INCIDÊNCIA E SINTOMAS**
- **APARELHOS AUDITIVOS**

1 - FISILOGIA DA AUDIÇÃO

O fenômeno da audição resulta de uma série complexa de eventos.

A energia sonora, que se inicia como vibração e se transmite através de um meio elástico como o ar, pressiona a membrana timpânica, fazendo-a vibrar.

As vibrações são transmitidas à janela oval pelos três ossículos do ouvido médio que além de servirem como condutores de energia sonora, também a membrana timpânica e os ossículos amplificam o som através de dois princípios mecânicos elementares, que são: a sutil ação de alavanca dos ossículos e a relação entre as áreas da superfície da membrana timpânica e o afunilamento da energia sonora para a área reduzida da superfície da base do estribo. Essa amplificação no ouvido médio é de aproximadamente 30dB, e pode ser perdida por defeitos ou patologias que inibem um ou ambos os mecanismos amplificadores (Lipscomb, 1984, cit. por Downs, 1987).

A vibração mecânica transmitida pelo estribo à janela oval induz movimento nos fluidos da cóclea, onde a intensidade e a frequência das vibrações são fielmente reproduzidas por ondas que as transmitem as células receptoras da audição.

Os dois dutos internos à cóclea, conhecidos como rampa timpânica e rampa vestibular, são preenchidos com o fluido perilinfático. Essas rampas se intercomunicam e quando ocorre a vibração sonora, que desloca para dentro o estribo em direção à rampa vestibular, ocorre um movimento simultâneo para fora na rampa timpânica da janela redonda e é chamado reflexo da janela redonda (Lipscomb, 1984, cit. por Downs, 1987).

A audição ocorre também por vibrações que contornam os ouvidos externo e médio, deslocando-se os fluidos da cóclea e resultando em ondas turbilhonadas, que estimulam os cílios das células receptoras dentro do órgão de Corti.

O órgão de Corti é uma estrutura papilar localizada sobre uma membrana basilar dentro da rampa média (duto coclear).

É composto de receptores sensoriais nervosos e elemento de sustentação. Ele se destina especialmente à conversão da vibração mecânica em elementos elétricos, transmitidos ao sistema nervoso central (Bredberg, 1968).

O movimento vibratório do fluido da cóclea resulta num impulso nervoso, onde o epitélio nervoso da cóclea age como transdutor mecânico.

O epitélio coclear é formado por células ciliadas que localizam-se sobre as células de sustentação que, por sua vez, ficam sobre a membrana basilar e estendem-se para dentro da chamada rampa média ou duto coclear e é preenchido com fluido endolinfático. Este duto interpõe-se entre a rampa vestibular e a rampa timpânica ao longo das duas voltas e meia da cóclea.

As células ciliadas dispõem-se ordenadamente na cóclea de acordo com as frequências sonoras. As células ciliadas que respondem a frequências superiores a 2000Hz localizam-se na volta basal da cóclea, enquanto que as células ciliadas que captam frequências abaixo de 2000Hz encontram-se nas voltas média e apical da cóclea. Os neurônios periféricos do nervo coclear distribuem-se pelas células ciliadas a partir de debaixo da membrana basilar e de sua estrutura de apoio, a lamina espiral óssea.

O movimento fluídico da rampa timpânica desloca a membrana basilar num padrão de ondulação turbilhonada, causando torção nos processos ciliformes da célula e produzindo um certo tipo de mudanças mecânico-químicas que resultam na estimulação dos terminais nervosos periféricos (Ryan e Dallos, 1984, cit. por Downs, 1987).

Assim, a energia vibrante transmitida pela membrana timpânica é transformada em códigos de impulsos nervosos. Ao córtex cerebral cabe o mecanismo de interpretação destes impulsos nervosos recebidos (texto de Dallos, 1973, cit. por Downs, 1987).

Luria (1979, 94 segs.), descreve três blocos principais do cérebro responsáveis pelo desempenho da atividade psíquica:

- 1- Bloco do tônus do córtex (ou bloco energético do cérebro),
- 2- Bloco do recebimento, elaboração e conservação da informação,
- 3- Bloco da programação, regulação e controle da atividade.

Cabe ao bloco do tônus do córtex (ou bloco energético), manter o tônus ótimo do córtex, para que o cérebro possa , receber , elaborar, criar, conservar a informação, executar os complexos programas de comportamento e acompanhar o êxito das ações executadas.

Ao segundo bloco que é o do recebimento, executar os trabalhos de análise e síntese dos sinais trazidos do mundo exterior pelos órgãos dos sentidos.

Este bloco de recebimento é composto de complexos nervosos situados nas seções posteriores do córtex cerebral (áreas parietal, temporal e occipital) e apresenta caráter modal específico pela composição de um sistema de dispositivos centrais capazes de registrar as informações visual, auditiva e tátil.

Cabe-lhe a tarefa de processar , codificar e conservar na memória os vestígios destas experiências adquiridas. A codificação é realizada nas áreas corticais secundárias graças à substituição do princípio da organização fundamental das respectivas excitações.

Os componentes deste bloco são considerados extremidades centrais (corticais) dos sistemas perceptivos (analísadores).

As extremidades corticais do analisador visual estão situadas na região occipital, as auditivas na região temporal e as táteis na região tátil-cinestésica.

O terceiro bloco programa, regula e controla a atividade do homem.

2 - SURDEZ E HIPOACUSIA

Existem muitos conceitos e definições sobre surdez e segundo as definições aprovadas pela Sociedade Americana, em 1940, surdo é o indivíduo cuja a audição não é funcional na vida comum; hipoacústico (duro de ouvido) é aquele cuja a audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (Fernandes, 1990).

Segundo Teleford (1972), a definição mais orientada, proposta pela White House Conference on Child Health and Protection (1931), distinguiu-se o duro de ouvido aqueles indivíduos que adquiriram a fala útil e a capacidade de entender a fala antes da sua perda auditiva e que continuaram usando aquelas aptidões.

O Ato de 1975 (Lei Pública 94-142) - Educação para Todas as Crianças Deficientes, define como surdo a pessoa que tem um déficit auditivo tão severo que o indivíduo é incapaz de processar a linguagem através da audição, com ou sem o uso de aparelho de amplificação. A perda de audição deve ser severa o suficiente para afetar negativamente o desempenho educacional de um estudante (Downs, 1989).

A palavra surdez é usada por alguns autores para designar uma perda auditiva intensa, sem, contudo, precisarem seus limites, outros, empregam o termo para designar perda auditiva acima de 82dB (decibéis) nas frequências: 500, 1000, 2000Hz (Hertz); outros, ainda, aplicam este termo apenas quando não há nenhum resíduo auditivo (Spinelle, 1979).

Balheiro (1989) afirma que de acordo com o avanço dos exames audiológicos, passou-se a considerar surdez as perdas acima de 90dB (decibéis), e perda total de audição a 120dB (decibéis) ou mais, nas frequências de 500, 1000 e 2000Hz.

A audição é normalmente medida entre as frequências de 250 a 8000 Hertz (Hz) e os limites de amplitude de 0 a 110 decibéis (dB). É através da frequência, da amplitude e do timbre que se caracteriza o som.

A frequência se expressa em Hertz e é o número de ciclos por segundo em um movimento periódico. Os sons graves correspondem a baixas frequências e os agudos as frequências elevadas.

O ouvido humano pode ouvir entre as frequências de 15 a 20.000Hz, mas esta capacidade varia de pessoa para pessoa. A amplitude determina a intensidade dos sons (fortes ou fracos) e é medida em decibéis. Decibel é a unidade que mede a intensidade de uma grandeza comparada a uma grandeza-padrão de mesma natureza (Fernandes, 1990).

Geralmente, é nas frequências 500, 1000 e 2000Hz que se realizam os testes de avaliação de audição; considera-se normal a audição com desempenho entre 10 e 26dB.

A pessoa com deficiência auditiva usualmente atenua o seu prejuízo de audição com o uso de aparelho auditivo ou com a ajuda de outros estilos de comunicação, pois a sua surdez pode ser permanente ou flutuante.

A International Standards Organization - ISO, classifica a perda auditiva nos seguintes graus:

- limites normais - 10 a 26dB
- perda leve - de 26 a 40dB
- perda moderada - 41 55dB
- perda moderadamente severa - 56 a 60dB
- perda severa - 71 90dB ~
- perda profunda - acima de 90dB

Segundo Lafon (1989) e Ballantyne (1995), as perdas auditivas causam as seguintes conseqüências que serão citadas abaixo.

Na **perda auditiva leve**, a fala normal é percebida pela criança mas lhe escapam alguns fonemas, a voz fraca não é corretamente percebida.

As crianças escola comum e não apresentam problemas no desenvolvimento normal da linguagem.

Na **perda auditiva moderada**, a criança já necessita que se fale em voz forte para que haja compreensão e muitas vezes apresenta tro-

ca na fala. Na perda auditiva moderada a criança sente necessidade de algumas vezes fazer o uso da leitura labial.

Na **perda auditiva moderadamente severa**, a criança apresenta dificuldade frente a fala de forte intensidade, a discriminação do som sem o aparelho auditivo fica prejudicada. A criança com esta perda auditiva apresentará um pequeno retardo na aquisição de linguagem e não tem boa atenção.

A necessidade de acompanhamento fonoaudiológico se faz presente principalmente no caso desta criança estar freqüentando escola comum. A leitura labial é utilizada com freqüência e há indicação para o uso de amplificadores.

Na **perda auditiva severa**, a fala não é percebida e há necessidade de protetização para a discriminação dos sons.

Na perda auditiva severa a criança apresenta um considerável retardo para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, conseqüentemente, vai precisar de suporte de profissionais especializados para freqüentar e acompanhar a aprendizagem na escola comum. A criança necessita de treino auditivo, terapia de fala e também de um bom suporte visual.

A leitura labial passa a ser indispensável e o gesto aparece para garantir a comunicação junto com outros recursos.

O aparelho auditivo é formalmente indicado e seu uso é indispensável para que não seja evidenciada as conseqüências da perda.

Na **perda auditiva profunda**, nenhuma fala é percebida, pois esta não é ouvida e o aparelho auditivo restaura parcialmente a recepção da fala e a sua perda está acima de 90dB.

Na perda profunda a criança necessita de escola especial onde métodos diferenciados (comunicação total, leitura orofacial, terapia de fala, acompanhamento fonoaudiológico) são utilizados para melhorar o desempenho desta criança.

O aparelho auditivo é indispensável para a estimulação e treinamento auditivo da criança. Se esta perda ultrapassar 100dB, ela é considerada perda auditiva total, ou seja, uma **anacusia**, onde só se percebe o som pelo tato ou pela sua vibração.

3 - ETIOLOGIA E TIPOS DE PERDA AUDITIVA

A perda auditiva, ou deficiência auditiva (como coloca alguns autores) pode ser **congênita ou adquirida**: congênita no caso do indivíduo ter nascido surdo, e adquirida quando apresenta causas de origem patológicas ou traumáticas.

A surdez congênita tem sua origem em causas endógenas ou exógenas (Fernandes, 1990).

Definem-se as causas endógenas pela proveniência de herança genética, no momento da concepção.

Definem-se causas exógenas, as que não são ocasionadas por fatores hereditários. Elas são determinadas por condicionadores que provocam a alteração do meio intra-uterino, principalmente nos três primeiros meses de gravidez.

Segundo Fernandes (1990), na **surdez congênita**, destacam-se como causas principais:

- Embriopatias virosas (Rubéola),
- Embriopatias e fetopatias tóxicas (Quinino, Salicilato, Estreptomicina, Garamicina, Neomicina, Talidomida, Anestésias Prolongadas),
- Causas Endócrinas (Bócio, Debilidade Mental),
- Eritoblastose Fetal (Destruição das hemácias pelo soro materno por incompatibilidade sanguínea - Fator Rh).

Para Fernandes (1990), na **surdez adquirida** destacam-se como causas principais:

- Icterícia,
- Anoxia neonatorum (Insuficiência de oxigenação cerebral por problemas de parto),
- Traumatismo Obstétrico,
- Processos Infecciosos (na Infância principalmente),
- Febres Eruptivas, Viroses, Neoviroses,
- Meningo-encefalites,
- Sífilis (congênita em suas manifestações precoces),
- Traumatismo Crâniano,
- Intoxicações Medicamentosas.

O ouvido consiste, funcionalmente, de duas partes:

- Sensorioneural, abrangendo o órgão sensorial (de Corti) e suas conexões neurais;
- Aparelho condutivo, cuja a função é simplesmente a de conduzir o som de sua fonte para o ouvido interno. Isso consiste do conduto auditivo externo, da trompa de eustáquio, do ouvido médio (e seu conteúdo) e das janelas e fluidos labirínticos.

Desta forma a surdez congênita ou adquirida podem ser classificadas em dois tipos principais:

- **Condutiva**, devido a qualquer afecção do aparelho condutivo;
- **Sensorioneural**, devido a qualquer lesão da cóclea ou do nervo auditivo.

O termo perda auditiva **mista** é geralmente usado para descrever casos nos quais perda condutiva e sensorioneural coexistem no mesmo ouvido.

As **perdas auditivas condutivas** podem resultar de alterações do ouvido médio ou externo que consistem na dificuldade da passagem das vibrações sonoras para o ouvido interno. Isto significa que o ou-

vido interno tem capacidade de funcionar normalmente, mas a vibração sonora só consegue estimular a cóclea se é aumentada a intensidade do estímulo através do caminho normal de condução do ar. A perda do tipo condutivo caracteriza-se por perda auditiva para sons conduzidos pelo ar (Ballantyne, 1995).

Basicamente é uma perda de origem mecânica, e os sons que atingem o ouvido interno são simplesmente atenuados, ou seja, reduzidos de intensidade. A discriminação mal é afetada.

Casos de surdez ou hipoacusia são, muitas vezes provocados por processos de obstrução tubária (fatores mecânicos ou inflamatórios), otites agudas ou recidivantes, bem como mal formação do pavilhão da orelha, do meato auditivo ou dos ossículos auriculares da orelha média (Fernandes, 1990).

Muitos casos de perdas auditivas condutivas, podem ser melhorados, por meios cirúrgicos; e quando a cirurgia é contra indicada ou recusada, o problema pode ser corrigido por amplificação (Ballantyne, 1995).

A perda auditiva sensorioneural origina-se no ouvido interno, no órgão de corti e nervo auditivo e ocorre quando os órgãos sensoriais terminais ou células ciliadas da cóclea sofrem danos, ou também quando há alteração do nervo auditivo.

É também chamada de surdez de percepção, nervosa ou de ouvido interno. É causada por doenças ou malformações de origem hereditária.

Neste tipo de surdez, a discriminação é quase sempre reduzida, e o indivíduo ouve menos, não melhor na presença de ruído. A criança com este tipo de surdez tem dificuldade para entender a fala na presença de ruído e geralmente nos pede para não gritar. Neste tipo de surdez o que é ouvido causa distorção e desconforto (Ballantyne, 1995).

Em casos de surdez sensorioneural, a perda auditiva é efetivamente maior para sons mais elevados do que para mais graves e, se falarmos rápido demais, os sons consoantes agudos suaves são abafados pelas vogais graves de maior volume. A inteligibilidade sofre e somos solicitados a falar mais lentamente.

Este tipo de surdez pode ser provocado também por fatores tóxicos, traumas ou exposição do ouvido à poluição sonora.

Segundo Downs (1989), a perda auditiva sensorineural é geralmente irreversível.

A **perda auditiva mista** apresenta lesões ou alterações do ouvido médio e interno associadas; já a deficiência central é causada pela disfunção ou mau desenvolvimento das vias auditivas do sistema nervoso central.

4 - INCIDÊNCIA

A incidência de total surdez entre crianças é de aproximadamente 1 em 1000, mas cerca de 1 em 16, possui formas leves de perda auditiva que podem atrapalhá-las na fase escolar (Winnick, 1990).

Crowden e Gale demonstraram que um simples exame médico anual relatava apenas 0,42% das deficiências auditivas nos alunos, enquanto que exames sistemáticos, feitos com métodos audiométricos modernos, revelavam 6,6% (Pico, 1988).

Muitas vezes estas crianças são consideradas como lentas para aprender ou como tendo problemas de comportamento, quando na verdade seu comportamento inadequado esta relacionado à uma perda leve de audição ainda não detectada (Winnick, 1990).

Entre crianças surdas, aproximadamente dois terços têm surdez congênita (presente no nascimento) e um terço têm surdez adquirida (desenvolvida depois do nascimento).

Pelo menos duas das principais causas de surdez congênita (rubéola e incompatibilidade de fator Rh), podem agora serem evitados.

Contudo o esperado decréscimo na incidência de surdez tem sido contraditório, pois se por um lado temos maior controle e cuidados durante a gravidez, em contraste têm sido salientado pelos avanços médicos uma maior sobrevivência de bebês prematuros e crianças com encefalite, apresentando estas crianças múltiplas disfunções, inclusive a surdez (Winnick, 1990).

Portanto, a incidência de surdez não está diminuindo, mas mudando para incluir mais pessoas deficientes(Winnick, 1990).

5 - SINTOMAS

Um bebê recém nascido que possui uma perda auditiva severa ou profunda apresenta o mesmo comportamento que um bebê com audição normal, logo como este bebê parece normal sua surdez pode passar despercebida por algum tempo.

Para a maioria dos pais é muito difícil lidar com a possível deficiência que o bebê possa ter. Alguns pais se tornam convencidos dentro de poucas semanas após o nascimento que o bebê não está ouvindo adequadamente; alguns pais muitas vezes continuam por um ano ou mais inconscientes da severa perda auditiva da criança (Rossi, 1994).

A ausência de sintomas físicos de patologia dificulta ainda mais para os pais descobrirem a surdez na criança antes da idade em que ela deveria começar a falar (Rossi, 1994).

Certos sintomas e sinais que podem indicar que uma criança apresenta perda auditiva (Coelho, 1993 e Winnick, 1990):

- Dores e supurações no ouvido,
- Resfriados frequentes e garganta dolorida,
- Falta de atenção,
- Ausência de reação a sons de pouca intensidade que estão fora do seu campo visual,
- Virar ou inclinar a cabeça para ouvir, em posição anormal,

- dificuldade em seguir orientações,
- Articulação defeituosa e atraso na idade de falar,
- Andar arrastando os pés,
- Relutância em participar de atividades orais,
- Expressão oral pobre,
- Comportamento agressivo, teimoso, tímido ou introspectivo,
- Escolaridade deficiente principalmente na leitura e escrita,
- Falta de equilíbrio,
- Dificuldade de contatos afetivos,
- Olhar voltado mais para os lábios do interlocutor do que para os olhos,
- Árduo acesso à imaginação e à abstração,
- Ritmo prejudicado.

6 - APARELHOS AUDITIVOS

O aparelho auditivo é um dispositivo que torna o som mais alto e portanto, ajuda a minimizar o problema da perda auditiva (Ballantyne, 1995).

O aparelho auditivo é indicado mesmo no caso de uma insuficiência auditiva leve, pois pode incomodar consideravelmente o desenvolvimento psicológico e a instrução da criança, ocasionando ou distúrbios de linguagem ou distúrbios de comportamento, como a instabilidade (Pico, 1988).

Muitas vezes um déficit auditivo não diagnosticado e aparelhado adequadamente a tempo pode, erroneamente, facilitar o diagnóstico de debilidade mental e fazer a criança passar por toda a sua escolarização numa classe especial (R. Guyot, cit. por Pico, 1988).

No caso de uma criança com perda auditiva, a protetização deve ser feita o mais cedo possível para que esta criança tenha uma boa adaptação, e comece o treinamento auditivo adequado quanto a amplificação do som que está recebendo na devida frequência que condiz a sua perda auditiva.

Hoje em dia , os aparelhos auditivos podem ser usados no corpo (aparelhos de caixa), na cabeça, atrás da orelha (aparelhos retroauriculares), na aurícula do ouvido ou dentro do conduto do ouvido (aparelhos concha ou canal), embutidos em óculos (aparelhos de óculos) ou embutidos ou montados em uma tiara de cabeça (Ballantyne, 1995).

Mesmo tendo diferentes formatos e modelos o aparelho auditivo é composto de: microfone, receptores, bobinas de indução magnética (M- corresponde a microfone e nesta posição o aparelho capta o som do modo normal; T- o microfone está ligado fora do circuito, para sons de telefone; MT- tanto o microfone como a bobina de captação estão posicionados e o ouvido pode escutar os sinais vindos de ambas as fontes, ou seja captar as duas informações.) e amplificador (Ballantyne, 1995).

Aparelhos auditivos podem ser também unidades maiores visando a propósitos educacionais, como aparelhos de audição de grupo ou unidades de treinamento auditivo.

O aparelho auditivo é acoplado ao ouvido por um molde de ouvido que tem que ser considerado parte do aparelho. Os moldes são peças de acrílico ou silicone que vedam o ouvido externo conduzindo o som ao ouvido médio. São adequados ao ouvido de cada usuário e por este motivo não devem ser emprestados.

Aparelhos Auditivos usados no corpo - Consiste de uma caixa que abriga o microfone, o amplificador, seus controles e a pilha. Conectado por um plug padrão, está um fio ou cabo que se liga a um fone de ouvido. Conectado ao fone de ouvido está os moldes de ouvido que se encaixam em cada pavilhão.

Este tipo de aparelho é desconfortável devido a posição ideal para o seu uso ser no centro do peito. Outro inconveniente é o de que qualquer malha ou blusa que seja sobreposta ao aparelho não permite que ele receba a extensão inteira do som.

Aparelhos Auditivos usados na cabeça - São aqueles aparelhos feitos para serem usados atrás do ouvido (retroauriculares), dentro do ouvido (intra-auriculares) e em forma de óculos ou tiara de cabeça.

Nestes aparelhos o som é alimentado do bocal de saída no topo do aparelho através de um tubo para o molde do ouvido. Estes aparelhos tem uma melhor aceitação, são mais discretos e no caso dos retroauriculares podem ser adaptados a muitas molduras de óculos normais (Ballantyne, 1995).

Unidades de Treinamento Auditivo - É um aparelho auditivo de caixa onde os controles são colocados num painel frontal para serem ajustados por um professor. Eles são principalmente usados para o ensino individual de percepção auditiva e produção de fala (Ballantyne, 1995).

Aparelhos Auditivos de Grupo também tem um central de controles individuais para os fones de ouvido na mesa de cada criança. A principal vantagem deste aparelho de grupo sobre os outros, é que todas as crianças podem ouvir o professor, a si mesmas e as outras crianças no grupo (Ballantyne, 1995).

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO DO SURDO

1 - UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SURDO

Para Oliver Sacks (1990), a gravidade da surdez de quem à adquire num estágio posterior da vida é questionável. Porém a pessoa que nasce surda é gravemente afetada em todo o seu potencial e para toda a sua existência e integração na sociedade.

O surdo pré-lingual, incapaz de ouvir os pais, corre o risco de ficar consideravelmente retardado, ou mesmo deficiente, em sua apreensão da linguagem, a não ser que sejam tomadas medidas rápidas e um pronto atendimento (Sacks, 1990).

Ser deficiente na linguagem para o ser humano é causa de desespero, pois é só através da linguagem que nós ingressamos plenamente na nossa cultura e sem ela nos encontramos isolados. Sem a linguagem nós não conseguimos nos expressar, desenvolver nosso potencial intelectual e não há como nos integrarmos plenamente em nossa sociedade, muito menos em outras.

Pessoas surdas que não tem oportunidades de desenvolver uma linguagem e não tem acesso a cultura podem viver isoladas por um longo período de tempo e por conseqüência deste isolamento poderão ser consideradas mentalmente deficientes (Sacks, 1990).

Foi por este motivo que surdos congênitos foram considerados “estúpidos” por milhares de anos e declarados por uma lei obtusa “incompetentes” - para herdar propriedades, casar, receber instrução, ter trabalho adequado - e tiveram negados os direitos humanos fundamentais.

Os primeiros sinais de preocupação com a educação do surdo aparecem no século XVI quando crianças surdas de famílias nobres foram ensinadas a ler e escrever para poderem ser reconhecidas como pessoas nos termos da lei (os mudos não eram reconhecidos) e herdar títulos e propriedades de suas famílias (Lane, 1984).

Os primeiros educadores auditivos que alcançaram maior ou menor sucesso ensinando o surdo a falar foram:

- Pedro Ponce de Leon na Espanha do século XVI,
- Bradwoods na Inglaterra,
- Armman na Holanda e
- Pereire e Deschamps na França.

Lane (1984), ressalta que muitos destes educadores baseavam-se em sinais e na soletração com os dedos para ensinar a falar.

A situação dos surdos pré-linguais antes de 1750 era de fato uma calamidade, onde para noventa e nove por cento dos que nasciam surdos, não havia nenhuma esperança de alfabetização ou instrução. Incapazes de adquirir a fala, portanto “estúpidos” ou “mudos” e incapazes de desfrutar a livre comunicação até mesmo com a sua própria família, eram isolados, confinados a uns poucos gestos rudimentares, privados de alfabetização e de instrução, forçados aos trabalhos mais servís, vivendo sozinhos muitas vezes perto de uma miséria total (Lane, 1984).

A deplorável situação dos surdos despertava a curiosidade e a compaixão dos filósofos. É o caso do comentário de Sócrates no Crátulos de Platão, que tanto impressionou o jovem Abade De l’Epée :

Se não tivéssemos voz, nem língua, mas apesar disso desejassemos manifestar coisas uns para os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?

A noção de que a compreensão de idéias não dependia da audição de palavras era revolucionária no século XVI, porém somente a idéia não era suficiente para que se mudasse uma realidade tão triste (Lane, 1984).

O que muda a história é a preocupação do Abade De l’Epée que não suportava pensar nas almas dos surdos-mudos sem conhecer a Palavra de Deus e as suas Escrituras. De l’Epée considerou a linguagem

dos sinais não com desdém mas com respeito, dispensou grande atenção aos seus alunos surdos (o que raramente fora feito antes por pessoas com capacidade auditiva). Associando sinais com palavras escritas, ele ensinou-os a ler; com isso, abriu-lhes a instrução e cultura do mundo.

O sistema de De l'Épée de sinais "metódicos" - uma combinação de sinais deles e gramática sinalizada francesa - permitia que os estudantes surdos escrevessem o que lhes era dito através de um intérprete sinalizador, um método bem sucedido que possibilitou pela primeira vez, que alunos surdos comuns lessem e escrevessem francês, adquirindo assim uma instrução.

Sua escola fundada em 1755, foi a primeira a obter o apoio do público.

Em 1789 De l'Épée junto com inúmeros professores surdos que ele treinou, haviam criado vinte e quatro escolas para surdos, na França e no resto da Europa, dentre outras:

Em 1760 - Primeira Escola Inglesa - Tomas Braid Wood,

Em 1784 - Primeira Escola Italiana - Tomaso Silvestri,

Em 1791, a Escola de De l'Épée tornou-se o Instituto Nacional para Surdos-Mudos, em Paris,

Em 1802 - Primeira Escola Espanhola - Josef Ramjer e Berthier,

Em 1805 - Primeira Escola Russa - Jauffret,

Em 1807 - Instituto de Surdo-Mudo - Dinamarca, com obrigatoriedade no ensino.

Sacks (1990) salienta que o surdo sem linguagem pode de fato ser como um imbecil, de uma forma particularmente cruel, na medida em que a inteligência, embora presente e talvez abundante, permanece bloqueada por tanto tempo quanto durar a ausência de linguagem.

Segundo Lane (1984), era assim a visão e o entendimento do Abade Sicard, quando escreveu sobre o aprendizado de Sinal pelos surdos como “abrir as portas da...inteligência pela primeira vez.”

Esse período na França é marcado por uma espécie de época áurea na história dos surdos, pois testemunhou a rápida criação de escolas para surdos e de um modo geral, escolas criadas por professores surdos.

Em todo o mundo civilizado, houve a saída dos surdos da negligência e da obscuridade, e estes tiveram a oportunidade de conquistar a sua emancipação e cidadania.

Fica marcada esta época pela rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade: escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, tornaram-se subitamente possíveis (Lane, 1984).

Quando Laurent Clerc (um discípulo surdo do Abade Sicard, cit. por Lane, 1984) chegou aos Estados Unidos, em 1816, teve um enorme impacto ao perceber que até aquele momento os professores americanos nunca haviam sido expostos e nem imaginavam um surdo-mudo de inteligência e instrução impressionantes.

Em 1817, Thomas Gallaudet, junto com Laurent Clerc criou o Asilo Americano para Surdos, em Hartford. Como aconteceu em Paris, o público, os mestres, os filósofos, todos em geral se comoveram e a escola obteve êxito. O sucesso imediato do Asilo de Hartford levou à abertura de outras escolas onde quer que houvesse estudantes surdos.

O aumento da alfabetização e educação dos surdos nos Estados Unidos foi tão espetacular quanto na França e não demorou a se espalhar em outras partes do mundo.

Em 1852 - Surge a primeira Escola Chilena.

Em 1857 - INNES - Rio de Janeiro - Eduardo Huet (surdo).

Em 1869, havia 550 professores de surdos no mundo e uma média de 41 por cento dos professores de surdos nos Estados Unidos também eram surdos.

Em 1864 o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma lei autorizando a Instituição Columbia para Surdos e Cegos, em Washington, a se tornar uma universidade de ensino para surdos-mudos. Seu primeiro diretor foi Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet, que trouxera o surdo Laurent Clerc para os Estados Unidos em 1816.

O Colégio Gallaudet como passou a se chamar mais tarde (agora é Universidade Gallaudet), ainda é a única Escola Superior de artes liberais para estudantes surdos no mundo (Sacks, 1990).

O grande ímpeto de educação e libertação dos surdos, que dominou a França entre 1770 e 1820, continuou nos Estados Unidos até 1870. Nesta década vinha crescendo uma corrente alimentada paradoxalmente, pelo imenso sucesso dos asilos de surdos-mudos e suas demonstrações de educabilidade dos surdos. Esta corrente defendia o oralismo (Lane, 1984).

Surge a linha dos “reformadores”- Samuel Gridley Howe e Horace Mann, que clamavam pela derrubada dos “antiquados” asilos de linguagem de sinais e pela criação de progressistas escolas orais (Lane, 1984).

O mais importante e poderoso oralista desta época foi Alexander Graham Bell, que usou toda a sua força, autoridade e prestígio em defesa do oralismo (Lane, 1984).

Em 1880 no Congresso Internacional de Educadores de Surdos realizado em Milão, os professores surdos foram excluídos da votação e o uso de Sinal em escolas foi “oficialmente” proibido. Venceu o oralismo.

Em 1925, na Espanha, é iniciado a utilização do método global e também aumentam os estudos sobre os métodos utilizados juntamente com a prótese auditiva.

Em 1938 é Fundada no BRASIL a Primeira Escola Brasileira :

“INSTITUTO SANTA TEREZINHA” em São Paulo.

Segundo Sacks (1990), na década de 1960 e início de 1970, é que volta-se a indagar se só o método oralista é eficiente e se ele contempla a toda população surda. Aparece um sistema “combinado”, usando fala e sinais, e outros que serão citados mais adiante.

Em 1975 - Acontece o I CONGRESSO MUNDIAL DE SURDOS, onde é instituída a Comunicação Total.

Em 1975 - aprovação do Ato de 1975 - Educação para todas as Crianças Deficientes (também conhecida como Lei Pública 94 - 142) nos Estados Unidos (Downs, 1990).

2 - A SITUAÇÃO ATUAL DA EDUCAÇÃO DO SURDO

Uma das grandes preocupações que se tem hoje em dia no sistema educacional e na sociedade é quanto a aquisição de linguagem da criança surda e a sua integração no mundo dos ouvintes.

Para Downs e Northern(1990), crianças deficientes auditivas são aquelas com perda auditiva de tal extensão que alguma forma de educação especial é necessária. Nessa ampla definição é incluída também aquela criança que definem como “surda.”

A Conferência de Executivos das Escolas Americanas para Surdos define “surdo” como aquele que tem uma perda auditiva de 70dB, ou mais, no seu melhor ouvido, enquanto que o estudante “meio surdo” tem uma perda de 35-69dB no seu ouvido melhor.

Amon - 1981 (citado por Downs, 1990) define surdez como uma deficiência auditiva tão severa que uma criança tem dificuldade para processar informação lingüística através da audição, com ou sem amplificação, necessitando de acompanhamento educacional especial.

Um ponto em comum entre os autores é que quando se fala em educação do surdo e/ou meio surdos, deve-se lembrar que estes grupos não são em hipótese alguma homogêneos, e não existe um único

“método”, “sistema” ou “caminho” educacional que seja uniformemente aplicável e eficaz na educação do surdo (Downs, 1990).

Muitos estudos são realizados com a preocupação de facilitar a criança surda a aquisição de linguagem, pois é a partir dela que a educação e desenvolvimento global da criança se torna possível.

Em 1965 no relatório produzido por Babbidge e patrocinado pelo Departamento de Saúde, Educação e Bem Estar Social (EUA), declarou que o povo americano não tinha motivos para estar satisfeito com a educação de crianças surdas e na preparação delas para participação total na sua sociedade.

Babbidge coloca em seu relatório que desde as contribuições dos primeiros educadores de surdo como o abade De l'Epée, Thomas Hopkins Gallaudet, e Alexander Graham Bell, a educação do surdo é por vezes exatamente o que era a 150 anos atrás (Downs, 1990).

Diante de uma avançada tecnologia médica, sofisticação nas áreas de psicologia e lingüística, aperfeiçoamento de professores e de equipamentos de amplificação colocados em sala de aula, a falha no progresso da educação do surdo é uma realidade.

Downs (1990), cita McClure (1973) para explicar a falta de sucesso na educação do surdo.

McClure (1973, cit. por Downs, 1990) destaca como motivo para a falta de sucesso do sistema de educação do surdo, “a síndrome do avestruz”. Esta síndrome do avestruz se manifesta por inabilidade dos professores em aceitar mudanças, inabilidade em reconhecer as implicações educacionais das pesquisas modernas em surdez, tendência em fazer poucas pesquisas e para censurar os investigadores que se afastam dos caminhos tradicionais e um desejo irreversível de enterrar suas cabeças na areia desejando que as tendências atuais desapareçam.

O progresso da educação de uma criança na escola e na vida depende das habilidades da linguagem, tanto de suas habilidades em comunicar aos outros seus pensamentos, desejos, necessidades, como também de suas habilidades em entender os pensamentos e sentimentos dos outros, abrindo assim as portas para a sua integração.

A criança surda por não ter acesso a audição que é um importante canal de informações, apresentará dificuldade na aquisição de linguagem e conseqüentemente não poderá utilizar-se desta para expressar seus desejos, necessidades, sentimentos e pensamentos como uma criança ouvinte, nem tão pouco, utilizá-la como instrumento de vital importância para seu desenvolvimento mental, emocional e de integração social.

Os problemas da educação da criança surda foram resumidos por Louis Fant (1963), do departamento de Educação do Gallaudet College. Ele acredita que a audição desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem, na clarificação e construção de conceitos.

Para Louis Fant o processo de desenvolvimento de linguagem na criança surda será sempre um processo árduo, devido a falta deste valioso canal sensorial de informações do qual a criança surda não tem acesso (Downs, 1990).

Segundo Vigotsky a linguagem tem papel decisivo na formação de processos mentais (Fernandes, 1990).

Fernandes (1990), cita Luria e Yudovich (1978, 12), como principais representantes da psicologia soviética, e estes deram a linguagem lugar de destaque no processo do desenvolvimento mental.

Godinho (1982, 25, cit. por Fernandes, 1990), afirma que é essencialmente através da linguagem que se ampliam os círculos sociais, da família à escola, ao grupo vicinal, esportivo, religioso, profissional e político e é pela linguagem que o processo socializante vai exercendo sua influência contínua por toda existência do indivíduo, pronto a alterar seu comportamento social à medida que toma consciência dos fatos e ocorrências que o cercam.

Piaget (1989), coloca que a linguagem aparece na criança normal mais ou menos ao mesmo tempo que as outras formas do pensamento semiótico. No surdo-mudo, em compensação, a linguagem articulada só se adquire muito depois da imitação diferida, do jogo simbólico, e da imagem mental, o que parece indicar-lhe o carácter genético derivado.

De acordo com os esquemas desenvolvidos por Fant o desenvolvimento e linguagem e conceito caminham juntos. Para a criança que ouve, os primeiros estágios da comunicação acontecem via fala e audição.

A fala é o modo de expressão de uma língua que é usada como principal meio de comunicação no contexto em que vive o surdo e a ausência de domínio sobre a fala pode levá-lo ao isolamento, tornando impossível a sua integração.

Para “Lafon” (1989), a fala é singularmente um meio de comunicação que comporta não só elementos lingüísticos, mas também de estética e de afetividade cujos níveis de significação são menos abstratos e mais universais.

Pesquisas realizadas por psicólogos e neurolingüísticas demonstram que muitas falhas do processo perceptivo do indivíduo surdo ocorrem pela ausência de fala ou por ser a fala pouco desenvolvida. São utilizados métodos dos mais diversos para se vencer esta deficiência (Luria e Yudovich, 1978, cit. por Fernandes, 1990).

3 - MÉTODOS UTILIZADOS PARA AMPLIFICAÇÃO DA AUDIÇÃO E COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA SURDA

Diante das preocupações em torno da fala, linguagem, desenvolvimento físico e intelectual e até mesmo do comportamento social da criança surda, foram e são criados vários métodos e aparecem também algumas filosofias, todas com o objetivo de suprir ou de pelo menos amenizar as conseqüências da perda auditiva (Lafon, 1989).

Os métodos empregados para a educação da criança surda podem ser: método oral, comunicação total língua de sinais e recentemente o bilingüismo.

- ORALISMO PURO (século XIX, até hoje)- A suposição fundamental dos oralistas é de que a toda criança surda deve ser dada a oportunidade de falar. O método começa com atenção visual para leitura labial e inclui elementos isolados do som, combinações do som, palavras, e por último a fala. Neste método é excluído totalmente o uso de qualquer sinal ou gestos (Downs, 1990).

- VERBO TONAL (1953, Peter Guberina) - Utilizado para aprendizado de línguas e para suprir problemas de fala e linguagem. É aproveitado todo resíduo auditivo através de aparelhos e vibrador tátil. Utiliza todas as vias para o desenvolvimento da linguagem: auditiva, ósseas, visual e corporais.

- MÉTODOS DE ESTIMULAÇÃO AUDITIVA - Utiliza de aparelhos de amplificação sonora e de seleção de frequência. Podem ser multissensorial e unissensorial.

No método unissensorial, é providenciado um aparelho auditivo para a criança e toda a oportunidade de estimulação auditiva é utilizada para o desenvolvimento verbo-oral. Este método depende de identificação precoce, orientação precoce aos pais, de amplificação precoce e da exposição total à estimulação da linguagem regular.

No método multissensorial, aproveita-se também as percepções sensoriais disponíveis para a comunicação, principalmente a visão e por último o tato (Silva, 1992).

COMUNICAÇÃO TOTAL (Moura, 1993) - É uma filosofia de trabalho com crianças surdas que implica na utilização simultânea de sinais e fala, uso de aparelhos de amplificação, trabalho desenvolvido com pistas auditivas e trabalho de fala tanto a nível de leitura oro-facial como de produção.

O objetivo da comunicação total é possibilitar a criança desenvolver uma comunicação real com seus pais e professores e dar oportunidade para a sua integração social.

A comunicação total utiliza sinais retirados da língua de sinais, sinais gramaticais modificados e marcadores para elementos não presentes na língua de sinais.

Desta forma, o que é falado pode ser acompanhado por elementos visuais e facilita assim a aquisição da língua oral e posteriormente da língua escrita.

ALFABETO DIGITAL ou ALFABETO DACTILOLÓGICO, ou também como é conhecido por Alfabeto Manual ou Soletração Digital, consiste na representação das letras do alfabeto e dos números (Pereira, 1992).

Pode ser realizado com as duas mãos (como na Escócia), ou com uma como no Brasil. É utilizado para a digitação de nomes e palavras que não existem em língua de sinais.

BILINGÜÍSMO (Moura, 1993)- Filosofia educativa que permite o acesso pela criança o mais precocemente possível de duas línguas: a língua de sinais e a língua oral, mas não fornecidas concomitantemente.

O acesso a língua de sinais é feita de forma natural através da interação comunicativa entre a criança e o adulto surdo. A língua oral é fornecida a criança pelo adulto ouvinte, e aparecerá como segunda língua.

O objetivo da educação bilingüe é que a criança possa ter um desenvolvimento cognitivo e lingüístico paralelo ao verificado na criança ouvinte, e possa desenvolver uma identificação harmoniosa entre a cultura ouvinte e a cultura da comunidade surda.

CAPÍTULO IV

A ESCOLA E A CRIANÇA SURDA

1 - A ESCOLA E A CRIANÇA SURDA

Para a criança surda os primeiros anos escolares são de fundamental importância. A criança precisa de atendimento especializado e de um acompanhamento quase que individualizado, pois muitas vezes a falta total ou parcial de conhecimento sobre a surdez por parte dos pais, faz com que esta criança fique isolada na família de qualquer tipo de linguagem e comunicação.

Muitas vezes pela falta orientação e informação aos pais de como proceder com um filho diagnosticado como surdo, a criança é quem acaba sendo gravemente prejudicada. Os pais não a estimulam mais com brincadeiras que normalmente fariam se não soubessem da sua deficiência, param de se comunicar com a criança, a isolam de fontes sonoras, e geralmente tomam atitudes radicais: superprotegendo a criança ou rompendo parcialmente, para não dizer totalmente com a afetividade (Rossi, 1994).

O ingresso desta criança na escola faz bem não só a ela, como também aos pais. Na maioria das vezes é na escola que os pais recebem orientações sobre como lidar com seu filho e de que este irá necessitar de atenção especial e diferenciada. Os pais deverão participar do projeto de Língua de Sinais para aprender a se comunicar com a criança e dar continuidade em casa do trabalho que será realizado na escola.

Segundo Lafon (1989), diz que a idade escolar é o acesso aos meios de cultura, pela leitura e pela escrita.

O sucesso escolar da criança que apresenta perda auditiva está diretamente ligado ao papel desempenhado pelos pais no cotidiano, este é um processo árduo e contínuo, não podendo depender o seu sucesso ou fracasso única e exclusivamente da escola (Rossi, 1994).

A estimulação da criança no ambiente familiar é de extrema importância no processo de aquisição de linguagem, pois é em casa que a criança passa a maior parte do seu tempo e vai vivenciar o que aprendeu.

Para a criança surda que receber um acompanhamento diferenciado e especializado nos primeiros anos escolares, esta poderá seguir os próximos anos dentro de uma escola normal (Silva, 1992).

Quando isto acontece é indicado que a criança tenha aulas de reforço para que não se sinta insegura e nem acabe ficando atrasado em relação aos colegas de classe. Mesmo assim quando esta mesma criança for chamada a participar de atividades que venham exigir abstração, ela poderá ter sérios problemas por não conseguir entender o que não é palpável, ou que não pode ser vivenciado.

Cabe a escola aproveitar e valorizar ao máximo o potencial destas crianças e não evidenciar as suas diferenças.

O treinamento auditivo é de extrema importância e deve ser iniciado o mais cedo possível e continuado na escola como reforço do trabalho que o especialista (fonoaudiólogo) já vem realizando com a criança. O treinamento auditivo deve ser realizado também na escola, respeitando o processo individual do desenvolvimento auditivo (Silva, 1992).

O treinamento auditivo é normalmente iniciado com sons não verbais, passando depois a ser introduzidos os sons verbais. Este treinamento vai possibilitar a discriminação auditiva, consciência auditiva, compreensão auditiva, localização auditiva, memorização auditiva, análises e sínteses auditivas.

Dentro do processo escolar toda e qualquer forma de estimulação realizada (além do treinamento auditivo) que tenha como objetivo: a produção de fala, desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo, social e que produza alfabetização é válido.

A escola deve ter projetos que viabilizem atividades fora do ambiente escolar, para que assim, aumente as vivências da criança e possibilite a ela ter um maior número de experiências.

Como é provado que a ausência de linguagem interfere diretamente na personalidade, processos mentais e sociais da criança surda, e também que o nível de escolaridade é fator significativo na capacidade de compreensão e reprodução de texto, deve-se dar a escola o grau de importância que ela merece (Fernandes, 1984).

Integrar intelectual e socialmente a pessoa com perda auditiva é o objetivo primordial da educação e garantir este processo é um dever da sociedade (Coelho, 1993).

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NA PRÉ ESCOLA COM CRIANÇA SURDA : UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

1 - EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NA PRÉ-ESCOLA COM A CRIANÇA SURDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste relato de experiência de aulas de Educação Física Adaptada com crianças surdas na faixa etária de 04 a 06 anos, serão abordados todos os movimentos, atividades e observações, realizadas dentro de situações pedagógicas que foram desenvolvidas numa escola especial de educação para deficientes auditivos da rede municipal de São Paulo (EMEDAs - Escola Municipal de Educação de Deficientes Auditivos), no ano de 1995.

Para falar sobre o trabalho da Educação Física na pré-escola com criança surda em EMEDAs, eu vou antes fazer uma pequena abordagem sobre a Educação Especial na Prefeitura de São Paulo, com crianças que apresentam perda auditiva.

A Educação Especial na Prefeitura de São Paulo visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de necessidades especiais, fundamentando-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis, com o alunado, que no caso das EMEDA são deficientes auditivos (Política Nacional de Educação Especial - MEC, livro 1).

Na educação especial o processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino. Sob o enfoque sistêmico, a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com a sua finalidade, que é a de formar cidadãos conscientes e participativos (Política Nacional de Educação Especial - MEC, livro 1).

Os princípios norteadores em que a educação especial tem se fundamentado são: Integração, Normalização, Simplificação, Interiorização e participação.

A educação especial tem como filosofia e fundamento científico a elaboração de um currículo onde os estilos e biorrítimos preferenciais de cada criança deverão ser respeitados.

A filosofia deve ser centrada na semelhança diferenciada e não na semelhança indiferenciada.

Para contemplar estas propostas de trabalho pedagógico, a rede municipal de São Paulo conta com as EMEDAs, que destinam-se àqueles alunos que pelo seu grau de dificuldade não conseguem acompanhar classes regulares.

As EMEDAs oferecem Educação Infantil, 1 Grau e Suplência aos alunos portadores de deficiência auditiva, preferencialmente em grau severo e/ ou profundo.

É utilizado nas EMEDAs, equipamentos específicos da escola, aparelhos de amplificação sonora e recursos diversos para que o aluno possa utilizar adequadamente o seu A.A.S.I. (Aparelho de Amplificação Sonora Individual).

O método de trabalho adotado nestas escolas usa uma abordagem multisensorial, lançando mão de recursos orais, gestuais, táteis e cinestésicos de modo a proporcionar um desenvolvimento integral do aluno.

Portanto, seja qual for a modalidade escolar para inserir o aluno surdo, é fundamental que ela seja sempre avaliada de modo a proporcionar mais oportunidades, para que este aluno possa atingir um bom nível de comunicação e conseqüentemente possa no futuro próximo, ser um indivíduo integrado, consciente e participante de nossa sociedade.

Por ser uma escola especial da rede municipal, as crianças tem aulas Educação Física na pré-escola, pois as atividades motoras desenvolvidas com crianças na faixa etária de 04 a 06 anos, são consideradas de grande importância na estimulação, comunicação e integração desta criança com perda auditiva severa e/ou profunda.

Este trabalho manteve sempre como objetivo, o desenvolvimento da criança nos seus aspectos psicomotor, afetivo, cognitivo e social, dando evidência à sua integração, já que esta criança apresenta como característica principal a surdez e esta impossibilita uma comunicação natural com os ouvintes.

Esta característica - a surdez - nos traz um fato novo a ser trabalhado com a criança que é : A Comunicação.

As atividades que foram desenvolvidas e registradas neste trabalho, são atividades de aulas realizadas com classes de terceiro estágio da pré-escola. As crianças desta pré-escola encontram-se na faixa etária de 04 a 06 anos, surdas, ou com uma perda auditiva que impossibilita seu acesso numa escola da rede regular.

A Educação Física Especial segundo Rosadas (1991), promove a integração, ajustamento, interesse e participação, tendo como características a alegria, a motivação e a sociabilização.

O enfoque dado a integração se deve ao fato desta criança ser surda e ter grande dificuldade em se comunicar através da fala, tendo assim que utilizar de outros recursos para se comunicar, os quais não são os mais convencionais na nossa sociedade.

A comunicação por sinais, gestos, mímicas e mesmo pela expressão corporal, dá a criança surda características diferentes das outras crianças dotadas de uma audição perfeita, e por muitas vezes dificulta a sua integração até mesmo porque, muitas pessoas tem preconceito e desconhecem a comunicação através de sinais utilizada por pessoas que não conseguiram adquirir uma fala inteligível.

Como as aulas de Educação Física são contempladas pelo movimento, é neste momento que a criança surda se expressa com maior naturalidade, apresenta um maior interesse e tem uma participação espontânea.

A Comunicação Total é o método utilizado na escola pelos professores para a comunicação e alfabetização da criança surda, e isto deve ser respeitado por todos os profissionais que trabalham com esta criança, incluindo nós professores de Educação Física.

Durante as aulas de Educação Física a comunicação merece destaque por ser um momento de total descontração da criança, facilitando assim a sua espontaneidade e expressão.

Na EMEDA onde foi realizado este trabalho, aulas de Educação Física são ministradas três vezes por semana, com duração de quarenta e cinco minutos cada aula.

O objetivo deste trabalho foi mostrar que a Educação Física se faz essencial às crianças de 04 a 06 anos, principalmente, aquelas portadoras de necessidades especiais, neste caso: surdas.

Considerando-se que os padrões de movimento se definem pelo esforço de adaptação da espécie humana ao mundo e pela sua busca incessante do que lhe aparece como novo, podemos descrever que a Educação Física através do movimento em toda sua amplitude, garante colaborações extraordinárias às crianças surdas.

Antes de mais nada não podemos nos esquecer que estamos trabalhando com crianças que gostam de brincar e se movimentar, possuem fantasias, desejos, necessidades de se expressar e criar como qualquer outra criança seja qual for a sua diferença.

O que diferencia a criança surda das outras nas aulas de Educação Física é a comunicação por sinais, que para nós professores se apresenta como algo novo e enriquecedor.

A Educação Física no trabalho desenvolvido com crianças surdas na faixa etária de 04 a 06 anos, ao contrário do que muitos pensam, é capaz de mostrar progressos visíveis no seu desenvolvimento global. Nas aulas de Educação Física são exploradas atividades de manipulação, deslocamento, locomoção e exploração, que tem importantes implicações educativas e pedagógicas.

O professor de Educação Física tem um papel muito importante dentro de uma pré-escola onde as crianças são surdas, pois este profissional oferece a criança a oportunidade dela conhecer, explorar e brincar com seu próprio corpo, melhorando sua postura e auto confiança.

As atividades motoras desenvolvidas na pré-escola na faixa etária de 04 a 06 anos, propiciam uma vasta amplitude de movimentos, expressão e criatividade, podendo assim facilitar o processo de aquisição de linguagem da criança surda.

Sabendo que a aquisição de linguagem é um processo árduo e muitas vezes demorado para a criança surda, é nas aulas de Educação Física que são trabalhadas atividades que enriquecem efetivamente o processo de alfabetização da criança.

Durante o trabalho nas aulas de Educação Física de acordo com a faixa etária de 04 a 06 anos, procurei trabalhar atividades que dão destaque a alguns aspectos importantes como noções de lateralidade, noções de espaço e tempo, domínio do próprio corpo, atividades que trabalhem equilíbrio e outros tipos de coordenação, sem os quais, se torna mais difícil a alfabetização.

A criança é uma especialista na arte de brincar (Freire, 1994), sendo assim, é o professor de Educação Física que pode durante as suas aulas, através da realização de movimentos os mais variados possíveis, levar a criança a viajar pelo mundo da cultura infantil.

A criança sempre age valorizando seus desejos e as suas vontades. É o motivo fundamental que a impulsiona a brincar é o prazer e a alegria que essas atividades lhe proporcionam (Tarso, 1995).

Como todo brincar é prazeroso para a criança e enquanto ela está brincando se dedica inteiramente, este é um dos momentos em que ela está desenvolvendo a sua linguagem.

A criança quando brinca, se coloca diante também do que lhe é exterior; procurando penetrar no mundo adulto, expressa de modo simbólico as suas fantasias, desejos e experiências, ao mesmo tempo, como diz Edda Bomtempo, em que “interioriza os valores éticos da sociedade à qual pertence” (apud Oliveira 1982, p. 25, cit. por Tarso, 1995).

Portanto podemos dizer que quando a criança está criando fantasias, dramatizando, realizando expressões corporais, se comunicando através dos sinais ou mesmo dos gestos, ela está adquirindo linguagem nas aulas de Educação Física.

É neste momento que a Educação Física merece destaque, pois consegue levar a criança a realizar as atividades motoras com interesse e motivação, abrindo as portas para a aprendizagem, através do brincar, da imaginação e do movimento em toda a sua amplitude.

Segundo Vygotsky na experiência da criança não há limites rígidos entre imaginação e realidade; a forma peculiar com que a criança é capaz de lidar com o mundo objetivo nos permite uma compreensão mais profunda dos mecanismos da atividade criadora do homem (Jobim e Souza, 1995).

Jobim e Souza (1995) coloca que : Na infância, a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem se caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam. Para a criança, o brinquedo preenche uma necessidade; portanto a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente constituidoras de regras de convívio com a realidade. Mas se em seus jogos as crianças reproduzem muito mais do que aquilo que experimentam na vida diária, as atividades infantis não se esgotam na mera reprodução. Isso porque as crianças não se limitam apenas em recordar e reviver experiências passadas quando brincam, mas as reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas possibilidades de interpretação e representação do real, de acordo com suas afeições, suas necessidades, seus desejos e suas paixões. A criança, ao inventar uma história, retira os elementos de sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo. Essa faculdade de combinar o antigo com o novo, tão facilmente observada nas brincadeiras infantis, é a base da atividade criadora no homem.

Sendo assim fica visível perceber a importância das aulas de Educação Física e de proporcionar as crianças momentos livres, onde ela possa descobrir, brincar e criar, pois devemos reforçar aqui que uma criança surda apresenta as mesmas vontades, desejos e necessidades que uma criança ouvinte.

As atividades dirigidas seguidas de atividades livres, são de vital importância para as crianças surdas principalmente nesta faixa etária de 04 a 06 anos. Muitas vezes estas crianças não tem a oportunidade de brincar e nem com quem brincar, quando não estão na escola.

O trabalho realizado nas aulas de Educação Física foi gratificante no sentido de se poder garantir que, no momento em que são realizadas as atividades com o objetivo de **estimular**: equilíbrio, lateralidade, ritmo, coordenação motora, mímica e dramatização, força e resistência e as percepções auditivas, visuais e táteis, automaticamente estão sendo trabalhados os conceitos básicos fundamentais para aquisição de linguagem.

O controle do corpo, noções de proporcionalidade (maior - menor), noções de classificação, noções de comparação, noções de igualdade e diferença, noções de exploração e conhecimento do esquema corporal, força e movimento (cabo de guerra), exploração de jogos de imita-

ção e representação, são conceitos que devem ser trabalhados na pré-escola (Kramer, 1991).

Diante do trabalho realizado com as crianças surdas podemos dizer que a Educação Física contempla estes conceitos em suas aulas de forma prática e efetiva, adaptando as atividades que se fazem necessárias.

Foram inseridas no planejamento também atividades que pudessem ser realizadas com aparelho auditivo, pois a prótese auditiva devido ao seu poder de amplificação é um importante instrumento da socialização. Estas atividades tem como objetivo estimular a audição, o ritmo e a atenção da criança.

A estimulação da percepção auditiva, visual e tátil, devem de preferência ser realizadas em local fechado, para que se tenha uma boa acústica, podendo assim melhorar o aproveitamento do resíduo auditivo e possibilitar assim, um progresso gradativo do seu desempenho global.

Portanto para o desenvolvimento de atividades com aparelho auditivo, trabalhei numa sala onde existem tablados de madeira e espelho para que as crianças possam se observar.

Esta sala, nós chamamos de sala de ritmo pois tem uma acústica própria, onde a movimentação das crianças sobre o tablado provoca uma vibração que melhora a percepção das crianças. O fato da sala ser fechada com uma acústica própria e ter espelho, facilita o trabalho de expressão corporal e dramatização com música, tanto em sala, como ao ar livre.

Dentro das atividades trabalhadas com o aparelho auditivo, procurei dar maior importância as atividades rítmicas, utilizando instrumentos percussão, a utilização de palmas, batidas rítmicas com os pés, expressão corporal e danças.

As crianças surdas apresentam uma grande dificuldade de abstração independente da idade em que se encontram, o que não acontece com a criança ouvinte, portanto é importante favorecer as atividades que possam ser vivenciadas, colaborando também com o processo de memorização.

A criança surda é na maioria das vezes ansiosa, tensa, se irrita com facilidade e tem dificuldade de participar de atividades em grupo. Um

dos principais motivos deste comportamento se dá pela falta de capacidade de se comunicar e também pela dificuldade de se integrar aos demais ouvintes, tanto em casa, como na comunidade.

Diante deste fato desenvolvi neste um ano de trabalho atividades para todas as comemorações festivas da escola, incluindo gincanas, brincadeiras e danças nas festas juninas e festa da primavera.

Segundo Zuhrt (1983), estas festividades devem ser realizadas todo ano, pois como acontecimento social é do mais alto valor.

Para diminuir a angústia pela qual a criança está passando, o professor deve manter-se atento e observador, para que possa auxiliar a criança no momento de suas dificuldades, mantendo esta calma e facilitando a comunicação.

A comunicação do professor de Educação Física com a criança é de fundamental importância, pois o trabalho de um profissional que não tenha nenhum conhecimento sobre a deficiência e a comunicação de uma criança surda fica totalmente prejudicado.

Durante o decorrer deste ano pude perceber que é muito importante proporcionar as crianças surdas atividades que sejam desenvolvidas num ambiente fechado, como também as que podem ser desenvolvidas em espaços abertos. Os passeios aos parques, excursões e visitas ao bairro merecem destaque pelo fato da criança surda necessitar vivenciar o maior número de experiências possíveis.

Trabalhar com uma criança com perda auditiva, é sem dúvida um desafio no que diz respeito a comunicação, por este motivo é que participei dos projetos de formação permanente sobre a educação do surdo e também do projeto de língua de sinais da escola, o qual acredito ser indispensável.

Eu muitas vezes tive necessidade de adaptar algumas terminologias que não existem em língua de sinais ou que não são do conhecimento das crianças. Neste momento é importante encontrar sinônimos, gestos ou mesmo utilizar de expressão corporal, de forma rápida para não se correr o risco das crianças perderem o interesse.

2 - MATERIAL E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA PRÉ-ESCOLA

A importância da utilização de materiais com crianças na faixa etária de 04 a 06 anos, se dá pelo fato de facilitar a diversidade de atividades e despertar a atenção e o interesse das crianças.

A utilização de materiais pelas crianças facilita a criação de brincadeiras, estimulando assim a sua imaginação.

Aqui serão citadas algumas das atividades desenvolvidas com as crianças surdas nesta faixa etária de 04 a 06 anos, e faço também algumas considerações.

Convém reforçar que a aula de Educação Física com crianças deve despertar alegria, prazer e muito movimento. Despertar o interesse e a atenção dos alunos depende do empenho do professor e não da criança.

Como nem sempre é fácil conquistar a confiança das crianças e muitas vezes encontramos crianças que são resistentes, agressivas ou mesmo indiferentes, posso dizer que: a terapia do abraço, carinho, afeto e amor, na maioria das vezes é um bom começo. Afinal a criança precisa antes de mais nada se sentir amada e aceita por todos.

A boa comunicação é o segredo do sucesso das atividades que são desenvolvidas. É importante transmitir calma, segurança, clareza, boa vontade e paciência para que as crianças também se acalmem e fiquem mais confiantes.

Não podemos nos esquecer que esta criança não ouve, portanto é nossa obrigação estar sempre de frente para ela quando qualquer tipo de comunicação estiver acontecendo.

Para explicar as atividades utilizei de gestos, expressões corporais e de todos os recursos necessários para facilitar o entendimento da criança.

No curso de língua de sinais aprendi que os gestos devem ser feitos acima da cintura, na frente do corpo, mas não na direção da boca, pois esta criança faz leitura labial e a mão na frente da boca pode atrapalhar a compreensão, ou mesmo a leitura.

A boa dicção também é importante para se comunicar com as crianças surdas. Com o passar do tempo podemos observar que as crianças optam pelo que elas tem maior facilidade.

Podemos perceber que algumas crianças com dificuldade em desenvolver a fala se aproximam mais da comunicação através do gesto, já outras que fazem treino com fonoaudiólogo e tem maior facilidade para desenvolver a fala, estas optam pela leitura labial. Portanto é importante utilizar tanto a comunicação oral, como a gestual.

O trabalho com material é importante pois, além de facilitar o aprendizado ou reconhecimento de cores, números, formas e tamanhos, também desperta o interesse da criança, possibilitando que esta explore e brinque com o material que será utilizado em aula.

Ao iniciar o trabalho com material deve-se utilizar de alguns temas básicos para estimular a participação da criança, como por exemplo:

- O que é?
- Quem conhece?
- Como é ?
- Quem sabe como fazer?
- Quem já viu diferente?
- Quem conhece igual?
- Alguém para mostrar como faz.
- Vamos.....?
- Sabe a cor?
- Quantos tem, alguém sabe?

Ao iniciar a aula sempre é importante deixar claro o que vai ser trabalhado para que não dificulte a participação da criança na aula. Por este motivo é importante que o profissional tenha consciência do grau de dificuldade de cada criança, para que não se corra o risco de programar uma aula impossível de ser dada.

É interessante estimular a participação sempre, pois ajuda a melhorar a comunicação e estimula o desenvolvimento da criança em todos os aspectos.

O desempenho destas crianças surdas em sala de aula melhora consideravelmente quando as aulas de Educação Física se iniciam, pois segundo as colocações das professoras de sala.

MATERIAIS:

1 BOLAS -

- ATIVIDADES INDIVIDUAIS:

- lançar, rolar, deslizar a bola, chutar, carregar, rolar a bola sobre o banco suéco, rolar por baixo de um obstáculo, lançar por cima de um obstáculo.

- ATIVIDADES EM GRUPO:

- boliche de bola, boca do palhaço, jogo do bobo, bola ao alvo, bola ao túnel, batata quente, esconde-esconde, carregar a bola em dupla com partes do corpo e outras.

2 CORDAS -

- ATIVIDADES INDIVIDUAIS:

- fazer figuras (círculos, quadrado, onda, reta, animais, etc.), enrolar a corda em partes do corpo, formar letras, andar sobre a corda, rolar e engatinhar por baixo, pular: para frente, para trás, para o lado; lançar a corda, andar ao lado, puxar depois de amarrar em algum obstáculo.

- ATIVIDADES EM GRUPO:

- bater corda, cabo de guerra, pular corda, aumenta-aumenta, a cobra, gangorra, cavalinho, olha a cauda, etc.

3 ARO

- ATIVIDADES INDIVIDUAIS:

- lançar, rolar, carregar, passar por dentro, girar e outras.

A criança gosta de fantasiar com o aro e é bom deixar que ela explore o material, por exemplo: a direção de um carro.

- ATIVIDADES EM GRUPO:

- Centopéia, trem, atividades com jogos de lateralidade: dentro, fora, frente, atrás, para o lado, sentado, em pé,

- apostar corrida, lançar para o amigo, passar por dentro, quem é mais rápido que o aro?, saltar dentro do aro do amigo, acertar no alvo, e outras.

4 O BASTÃO

- ATIVIDADES INDIVIDUAIS:

- postura,

- para extensão da coluna : sentados, em pé, deitados (o bastão preso pelas duas mãos), equilibrar o bastão, rolar o bastão, formar letras, formar figuras geométricas, pular, equilibrar sobre, rolar sobre o corpo, empurrar o bastão, medir o bastão, montar escada e outras variações.

- ATIVIDADES EM GRUPO:

- carregar o colega, conduzir o amigo cego, medir força, etc.

- brincadeiras de cavalinho, atividades livres, facilitando a criação de atividades com o material.
- dar oportunidade delas

5 BANCO SUÉCO

ATIVIDADES INDIVIDUAIS:

- andar sobre o banco fazendo todas as variações: de frente, de costas, de um lado, depois o lado oposto.
- todas as variações de corrida sobre o banco, saltar o banco, passar por baixo, caminhar sobre o banco deitado, engatinhar sobre o banco, etc.

ATIVIDADES EM GRUPO:

- variações de saltar, corrida por cima imitando animais, passar por baixo do banco junto com um amigo, etc.

6 COLCHÕES

- ATIVIDADES

- rolar, andar, correr, engatinhar, saltar, rastejar, cambalhotas(para as crianças que não tem labirintite),carregar o colchão, mão na mula, e outras variações.
- possibilitar que a criança faça as atividades sobre o colchão tirando o calçado.

7 BEXIGAS, LATAS ,TAMPINHAS DE GARRAFAS E INSTRUMENTOS DE LATA

- ATIVIDADES:

- As atividades desenvolvidas são voltadas para a respiração, no caso da bexiga e as outras voltadas para a estimulação das percepções auditivas, visuais e táteis.

8 GIZ, JORNAL, TINTAS E FITAS COLORIDAS

- ATIVIDADES

- elaboração de atividades que estimulem a coordenação visual e manual, o reconhecimento de cores e a imaginação através do desenho.

- Estas atividades podem ser realizadas individualmente ou em grupo. É uma atividade em que as crianças devem mais a vontade.

Nas aulas desenvolvidas sem material, procurei explorar movimentos corporais, brincadeiras de roda, brincar de casinha, jogos de imitar, brincadeiras de pegador, utilizando de fantasias para o pegador.

Nos dias de muito calor utilizei o parque e trabalhei com as crianças no tanque de areia, e as crianças puderam brincar de fazer bolo, carrinhos, casas e também brincar de fazer desenhos com partes do corpo. É importante reservar um momento da aula para que a criança brinque a vontade.

3 AULA PROPRIAMENTE DITA

Todas as atividades realizadas com material podem ser improvisadas e realizadas sem material na falta deste, o que realmente importa é que as crianças participem da aula e aproveitem ao máximo o tempo que para estas atividades foi destinado.

O início da aula sempre teve e deve ter um aquecimento progressivo, devendo ser este voltado para as atividades que serão realizadas na aula.

Na atividade principal da aula, eu sempre procurei ter mais de uma estratégia para desenvolver a atividade. A minha intenção na elaboração de mais de uma estratégia, era para que, caso eu não conseguisse motivar as crianças como planejei, eu sempre podia tentar novamente com uma outra estratégia. É bom ter outras alternativas e ser flexível para não se correr o risco, de perder o controle da classe e ficar com a aula prejudicada.

A volta a calma era feita com exercícios de relaxamento ou com atividades que diminuam a frequência cardíaca da criança antes que esta volte para a sala de aula. As atividades que possibilitavam as crianças criar fantasias ou brincar de faz de conta, eram as mais gratificantes. As brincadeiras que mais faziam sucesso eram: passa anel, imitações, adivinhações, batata quente, morto-vivo e outras.

O conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física sempre foi acompanhado pelo professores de sala de aula, o que facilitou um trabalho integrado e enriquecedor.

Durante as aulas, situações de improviso acontecem, e não são poucas. Muitas vezes as crianças vinham para a aula de Educação Física agitadas, impacientes ou dispersas e totalmente desinteressadas do que eu estava pretendendo realizar na aula. A dificuldade na comunicação com as crianças, muitas vezes causa situações frustrantes tanto para a criança, como para nós, devido a falta de compreensão de ambas as partes.

Este é um motivo que reforça a vital importância em acompanharmos o desempenho desta criança em sala de aula, e observar se o seu ritmo natural está sendo respeitado. Muitas vezes o problema não está só nas aulas de Educação Física, podendo este problema de comportamento, ser um reflexo do excesso de atividades desenvolvidas com as crianças em um curto espaço de tempo.

Portanto, eu também precisei controlar a minha ansiedade e aprender a respeitar os momentos em que a criança não quer fazer. É o momento do não fazer e deve ser respeitado.

Faz parte do trabalho com crianças, ter paciência e observar atentamente as suas mudanças de comportamento e de humor. É possível que o acúmulo de informações esteja causando na criança um certo desânimo e até mesmo um desgaste. Respeitar o ritmo da criança é essencial.

As avaliações foram feitas através de observações contínuas e registros diários. As crianças são e sempre serão diferentes uma das outras. Sendo assim não existiu um padrão de avaliação, pois o meu objetivo era de dar as mesmas oportunidades a todas as crianças, e deste modo possibilitar que cada uma progredisse de acordo com o seu potencial e seu ritmo próprio.

CONCLUSÃO

Após ter trabalhado durante três anos com crianças surdas e ter desenvolvido este projeto de um ano com crianças de pré-escola na faixa etária de 04 a 06 anos, pude concluir que a Educação Física é de fundamental importância nesta faixa etária.

Os resultados apresentados pelas crianças depois que estas começaram a ter aulas de Educação Física foram extremamente positivos.

A Educação Física possibilitou a estas crianças o seu desenvolvimento global de forma prazerosa, alegre e saudável, provando que através do brincar, das atividades motoras, da expressão corporal, dos gestos e todas as suas formas de expressão e comunicação, nós podemos enriquecer a aquisição de linguagem desta criança de forma prática e efetiva.

Desenvolver nas aulas de Educação Física atividades que estimulem a percepção auditiva da criança surda, proporcionou a esta criança um melhor aproveitamento do seu resíduo auditivo, conseqüentemente mais uma vez estamos criando oportunidades desta criança desenvolver sua aquisição de linguagem, bem como, viabilizando a estimulação de sua fala.

As oportunidades e os direitos devem ser iguais para todas as crianças, independentemente das suas diferenças individuais, portanto desenvolver com as crianças surdas as mesmas brincadeiras, jogos, danças e atividades motoras que as crianças ouvintes desenvolvem, possibilita a integração real destas crianças.

Levando-se em conta, que as crianças são mais puras e menos preconceituosas que os adultos, conclui-se que, a partir do momento que estamos viabilizando uma integração entre crianças surdas e ouvintes, nós poderemos num futuro próximo ter uma integração efetiva entre surdos e adultos ouvintes, respeitando as formas diferentes de comunicação.

A idéia de Integração tem mobilizado todas as áreas para permitir que as crianças consideradas ora como surdas, ora como deficientes auditivas, consigam participar e se integrar efetivamente na sociedade.

Partindo deste princípio, a Educação Física Adaptada na pré-escola com crianças surdas, só tem a enriquecer e fortalecer todos os esforços que forem feitos para garantir a integração destas crianças, pois pode-se concluir que é nas aulas de Educação Física, quando as crianças estão brincando, expressando, criando fantasias e se comunicando, que as diferenças entre elas e as crianças ouvintes desaparecem. .

BIBLIOGRAFIA

- Apostila: Proposta Curricular para Deficientes Auditivos - Ministério da Educação e Cultura, Centro Nacional de Educação Especial.
- Bagatini, Vilson - Educação Física para Deficientes - Sagra - Porto Alegre, 1987.
- Ballantyne, John; Martin, M. C.; Martin, Antony - Surdez - Artes Médicas - Porto Alegre, 1995.
- Castro, Eliane M. de - Deficientes auditivos - A Influência do Treinamento Sensorio Motor no Desenvolvimento da Discriminação Auditiva - Revista Fundação Esporte e Turismo, 1990.
- Coelho, Maria Teresa e José, Elisabete da - Problemas de Aprendizagem - Ática, 1993.
- Downs, Marion - Audição em Crianças - Manole - 1993.
- Fernandes, Eulália - Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo - Agir - Rio de Janeiro, 1984.
- Ferrari, A. - A História de uma Criança Surda - Ed. Cortez - São Paulo, 1985.
- Freire, João Batista - Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física - Scipione - São Paulo, 1994.
- Jobim e Souza, Solange - Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin - 2ª ed. - Papyrus - Campinas, SP, 1995.
- Kramer, Sonia - Com a Pré-Escola nas Mãos - Uma Alternativa Curricular para a Educação Infantil - Atica, 1991.
- Lafon, Jean C. - A Deficiência Auditiva na Criança - deficiências e reações - Manole - São Paulo, 1989.

- Lane, Harlan - When the Mind Hears: A History of the Deaf - Random House - Nova York, 1984.
- Moura, Maria C.; Lodi, Ana C. B.; Pereira, Maria Cristina da C. - Língua de Sinais e Educação do Surdo -SBNp - Comissão Editorial da Série de Neuropsicologia, 1993.
- Pereira, Maria Cristina da C. - Alfabetizando Crianças Surdas: Análise da Proposta de uma Escola Especial - Tese de Mestrado da Faculdade de Educação da PUC - SP, 1992.
- Piaget, Jean e Inhelder, Bärbel - A Psicologia da Criança - Bertrand Brasil, 1989.
- Pico, L. e Vayer, P. - Educação Psicomotora e Retardo Mental - Aplicação aos Diferentes Tipos de Inadaptação - Manole, 1988.
- Política Nacional de Educação Especial - MEC - Secretaria de Educação Especial - livro 1.
- Rosadas, Sidney de C. - Educação Física Especial para Deficientes - Atheu Editora - Rio de Janeiro, 1991.
- Rossi, Tereza R. de Freitas - O Papel Educacional da Fonoaudiologia com Famílias de Crianças Surdas - Tese de Mestrado da Universidade Metodista de Piracicaba, 1994.
- Sacks, Oliver - Vendo Vozes - Uma Jornada Pelo Mundo dos Surdos - Imago - Rio de Janeiro, 1990.
- Silva, Aurea Maria Oliveira da - A Educação Física como Meio de Aprendizagem para Crianças Portadoras de Deficiência Auditiva - Monografia, 1992.
- Tarso, Paulo de; Sans, Cheida - A Criança e o Artista - Papyrus Editora - 1995.
- Teleford, Charles W. e Sawrey, James M. - O Indivíduo Excepcional - Zahar Editores Rio de Janeiro, 1972.

Winnick, Joseph P. - Adapted Physical Education And Sport - Editor State University of New York College at Brockport, 1990.

Zuhrt, Renate - Desenvolvimento Motor da Criança Deficiente - Manole , 1983.